

CINEMA/CRÍTICA

Show não pode parar

Mesmo não sendo a tragédia pintada pela crítica e trazendo um elenco estelar e uma produção suntuosa, "Nine" decepciona e não empolga

FÁBIO FREIRE
Repórter

O começo de "Nine" parece prenunciar que o filme é mais barulho do que conteúdo. Com uma música nada empolgante e cafonha, cada personagem é apresentado sem o menor destaque, por meio de uma cena mal coreografada e montada que não se justifica dentro da narrativa. No final do longa, o que era apenas uma possibilidade se confirma em uma cena ainda mais cafonha do que a inicial e que lembra os finais das novelas da Globo, com todo o elenco reunido sem a menor razão de ser.

Depois da recepção fria a "Memórias de uma Gueixa", sucessor do oscarizado "Chicago", esperava-se muito de "Nine", a volta de Rob Marshall aos musicais. Seria o retorno do diretor às adaptações de um espetáculo da Broadway, desta vez inspirado em uma das obras mais renomadas do diretor italiano Federico Fellini ("8 e 1/2"). Com um elenco recheado de estrelas na tela e um material conceituado



ELENCO FEMININO: personagens demais para história de menos, "Nine" traz belas atrizes mal aproveitadas em pequenos papéis que dão à narrativa do filme um tom episódico

em mãos, poucos acreditavam que o cineasta pudesse errar. Mas eis que "Nine" entrou em cartaz e foi massacrado pela crítica. Razões para a decepção não faltam.

A primeira delas é a total falta de respeito do diretor ao próprio gênero. "Nine" é um musical que tem vergonha de ser um musical. Repetindo a mesma estrutura de "Chicago", Marshall tenta aproximar o gênero das novas gerações simplesmente tentando justificar as cenas mu-

sicais. Nada de pessoas interrompendo a ação para cantar e dançar. Assim como em "Chicago", as cenas de canto e dança não acontecem na realidade da trama, mas, sim, na imaginação de um dos personagens: Guido, o cineasta que passa, justamente, por uma crise criativa.

Se a estratégia funcionava em "Chicago", graças ao vigor da narrativa e frescor das cenas, em "Nine", ela não é só repetitiva como emperra todo o desenrolar da trama. Marshall não só

opta por dar um caráter de imaginação às cenas musicais, como as intercala com o que está acontecendo na "realidade" da trama, quebrando a continuidade dos movimentos de dança (já comprometidos pela montagem de videoclipe) e tirando todo o fascínio do espetáculo em si.

Outro problema é que todas estas cenas estão diretamente ligadas a Guido, o cineasta vivido por Daniel Day-Lewis, um personagem chato, passivo e egoísta que não desperta o me-

nor carisma no público. O resultado é um filme morno, longe da vibração de "Chicago" e mesmo "Moulin Rouge", musicais que deram uma roupagem moderna e trouxeram o gênero de volta às grandes produções e elenco.

O elenco de "Nine" é, aliás, outro dos motivos que decepciona. Além de uma interpretação apagada de Lewis, que canta apenas duas músicas ao longo do filme, mesmo sendo o protagonista, há tantas atrizes na produção que elas se perdem no meio de tanto brilho. Tirando Penélope Cruz (ótima como a amante do cineasta, mas esquecida do meio pro fim) e Marion Cotillard (a única que realmente parece se importar com sua personagem, a mulher traída de Guido), o resto do elenco feminino ou está pouco à vontade ou não tem muito o que fazer. Nicole Kidman, Sophie Loren, Fergie (do Black Eyed Peas), Judi Dench e Kate Hudson ou mal aparecem ou são subaproveitadas.

Resta, assim, aproveitar o que o filme tem de melhor: o apuro visual. Fotografia, direção de arte e figurinos tentam compensar as falhas narrativas com uma produção impecável. O resultado serve como pano de fundo para o espetáculo das cenas musicais: "Be Italian", com Fergie; "Cinema Italiano", com Kate Hudson; e "My Husband Makes Movies", com Cotillard, destacam-se.

Está certo que "Nine" não é a tragédia anunciada por parte da

crítica que o pisoteou. E a recepção pouco amistosa à produção decorre mais da expectativa em torno do projeto do que propriamente em virtude de uma catástrofe em película. A questão é que, nem que seja apenas pela beleza do elenco ou requinte visual, "Nine" ainda consegue ser superior a uma série de outros musicais lançados depois dos sucessos de "Moulin Rouge" e "Chicago" ("O Fantasma da Ópera", "Os Produtores", "Fama" e "Mamma Mia" são bem mais infelizes em suas tentativas de reavivar um gênero que há muito havia sido julgado como morto).

De um modo ou de outro, uma cena de "Nine" resume a essência do projeto e, de certa forma, coloca o personagem de Daniel Day-Lewis como um alter-ego do diretor Rob Marshall. Na sequência em si, já no final do longa, Guido canta e assume para sua equipe que não será capaz de dirigir o filme que estão produzindo. Marshall foi mais corajoso do que Guido, mas não há dúvida de que ele não era o nome certo para comandar esse espetáculo. ■

MAIS INFORMAÇÕES

NINE (EUA, 2009). Direção Rob Marshall. Com Daniel Day-Lewis, Nicole Kidman, Penélope Cruz, Marion Cotillard, Judi Dench, Kate Hudson, Sophia Loren e Stacy "Fergie" Ferguson. 120 minutos. Confira salas e horários no Zoeira.

del Valle KAPO APRESENTA

AQUI TEM DESCONTO 20% DE DESCONTO CARTÃO/INGRESSO

MUNDO JURÁSSICO

VISITAÇÃO DE 04 DE MARÇO A 04 DE ABRIL
TERÇAS A SEXTAS DAS 15H AS 21H
SÁBADOS E DOMINGOS DAS 10H AS 21H
TENDA MONTADA NO ESTACIONAMENTO DO SHOPPING IGUATEMI
INFORMAÇÕES - 3261.0654 | 3241.5188

APÓIO: Iguatemi Paulista, Curitiba, MR. OLIVER, NET TECNOLOGIA CARD

APÓIO INSTITUCIONAL: GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, Secretaria de Cultura

PONTO DE VENDA: PLANETA BRINQUEDOS, ALDEOTA E IGUATEMI

REALIZAÇÃO: FREELANCER PRODUÇÕES, akemusic, artbhz

FÁBIO JR SUPERSHOW! 18 MARÇO

ATRAÇÕES:
LUIZ MARCELO E BANDA
E DJ SILVIO DE PAULA

VENDAS:
LOJAS SKYLER, FARMÁCIAS PAGUE MENOS,
LOJAS PONTO DA MODA OU NO SITE
WWW.BILHETERIAVIRTUAL.COM

MAIORES INFORMAÇÕES:
3452 0800

APÓIO: Iguatemi, Curitiba, MR. OLIVER, NET TECNOLOGIA CARD

VENDAS: PLANETA BRINQUEDOS, ALDEOTA E IGUATEMI

PATROCÍNIO: MACAVI, Curitiba

ORGANIZAÇÃO: Diário, FORTALEZA, T-CHO GRAP, Curitiba